

# EVANGELHOTERAPIA

## A CIÊNCIA DE AMAR

### PREFÁCIO DA EDIÇÃO ELETRÔNICA PELO CESAHO

O livro Evangelhoterapia, ora publicado pelo Centro de Estudos Avançados em Homeopatia – CESAHO – veio à luz pela primeira vez no ano de 1990, após uma gestação de sete anos. Trata-se do primeiro livro deste autor em redor das palavras do Cristo, seguido posteriormente por *Deus – Radiografia Simples* e também *Os Filhos de Deus*.

Entretanto, somente este, aqui disponibilizado, envolve e concentra-se em alguns casos de cura do Evangelho e pode ser considerado propriamente uma investigação. Se Jesus Cristo existiu, de fato, e as ocorrências que seus biógrafos registraram forem verdadeiras, ele é de longe o maior terapeuta e/ou médico de todos os tempos. Bastaria tal hipótese para encher de interesse e curiosidade os olhos de qualquer pessoa. Em especial do médico homeopata, que vivencia em escala microscópica uma experiência semelhante à do Cristo, conhecendo a contradição de ser venerado por alguns poucos pacientes e rejeitado por grande parte da classe médica, ainda movida por enorme desinformação.

Tudo indica que o Cristo traçou um plano de trabalho focado no ser humano, resumido na enunciação a Pedro que ele era pedra e sobre esta pedra ergueria a sua igreja (Mat, 16:18). E em toda a sua trajetória, não colocou um tijolo sobre outro, não tendo jamais erguido uma única parede, portanto, não edificou nenhum templo e não restringiu a sua ação a qualquer lugar ou segmento social.

Jesus Cristo é o protótipo da liberdade humana. Sem peias, sem predeterminações, sem esquemas previsíveis. Cada dia é novo, exclusivo, singular. As circunstâncias trazem-lhe o roteiro do momento. As carências do ambiente indicam-lhe o caminho que lhe convém. Por outro lado, há um limite para todas as demandas e clamores que o cercam: sua própria vontade e as suas necessidades pessoais. Existe a hora de atender a fome da multidão e a ocasião de curar os enfermos, mas também surge o instante de despedir a todos e recolher-se em orações ou ao silêncio. Aqui, exprime-se com amor e benevolência, acolá brande o verbo com energia contundente. Hoje, adoça com ternura a esperança dos ouvintes, amanhã, adverte com rigor que haverá choro e ranger de dentes.

Inserido em 05/10/2008

A falta de contato direto com as palavras do Cristo, aliada à dificuldade para compreender a aparente complexidade de um sujeito livre, parece promover um distanciamento de seus ensinamentos, supondo-os de natureza apenas religiosa e, portanto, inadequados aos estudos científicos.

As distorções generalizadas e freqüentes efetuadas pelos seguidores de Jesus explicam a postura arredia de muita gente no tocante ao Evangelho. Refuta-se o contato porque o Cristo proposto lhes parece talvez engrandecido em excesso. Então, nos arraiais médicos e acadêmicos não se investiga as atitudes do homem iluminado e livre que empreendeu o projeto pedagógico mais ousado que se tem notícia: ensinar um grupo de pessoas incultas a amar e servir a este ser humano mesquinho, ingrato e rebelde, sem se ofender ou se magoar com sua tolice, descrença ou agressividade. O *Evangelhoterapia* pretende esmiuçar alguns casos clínicos que estiveram sob os cuidados terapêuticos do Cristo. A linguagem extremamente sintética do livro torna-o especialíssimo, mas a lógica e a coerência dos achados conferem sólido fundamento às conclusões.

Há alguns pontos na postura do Cristo que são sobremaneira didáticos. Certos pacientes recuperam-se apenas da enfermidade, ao passo que outros se curam de uma forma global. Alguns precisam insistir com o Mestre para receber atendimento, enquanto que o próprio Terapeuta toma a iniciativa de promover o tratamento de outros. Determinados enfermos são entregues a si próprios após a cura, porém alguns são designados para atividades específicas. Entretanto, Jesus não se coloca como recurso infalível, e lê-se que ele nem sempre podia curar por causa da incredulidade das pessoas (Mar, 5:6).

Sem que houvesse intenção, os quatro primeiros casos clínicos do *Evangelhoterapia* seguem uma linha progressiva, partindo do paciente superficial e organicista, passando pelo tipo que faz apologia dos fatores circunstanciais e/ou ambientais, depois pelo paciente com uma visão global e responsável em torno de sua própria enfermidade, até alcançar o doente voluntário que se imola pelo bem dos demais. Além disso, a vontade de se curar revela-se um componente fundamental rumo à saúde e que atua à revelia de qualquer tratamento. Desse modo, o estudo destes casos clínicos permite a visualização do processo terapêutico como um fenômeno basicamente interno, reconhecendo na medicação – química, diluída, psicológica ou espiritual – a enzima catalisadora da reação íntima.

Portanto, é bem possível que a análise criteriosa das curas evangélicas proporcione valioso material, tanto para o leitor comum como para o profissional de saúde. As evidências apontam que cada paciente retorna à higidez descrevendo uma curva terapêutica própria, de acordo com sua concepção de vida e percurso realizado. Assim, parece não haver sentido em se entender a cura como uma redenção espiritual

Inserido em 05/10/2008

que se aplique uniformemente a todos os pacientes. A cada um a transmutação que lhe compete, de acordo com o seu nível evolutivo ou grau de maturidade.

Assim, o resultado final encontra-se inapelavelmente na dependência do paciente. Acreditar que qualquer fator curativo externo solucione com facilidade os conflitos existenciais do doente significa incentivar ilusões e tornar-se cativo de fantasias. A obtenção da cura profunda requer, quase sempre, um embate denso do indivíduo consigo mesmo e com o seu projeto de vida, exigindo reformulação de sentimentos, posturas e objetivos. Dificilmente pode ser executada sem a bênção de dores intensas, em geral prolongadas, e lágrimas pungentes. Talvez, o antipsóricico idealizado por Samuel Hahnemann, o genial descobridor da homeopatia, seja o medicamento capaz de colocar a pessoa, que braceja corajosamente no esforço de se curar, em paz com o seu destino. Não porque anule o sofrimento e sim por induzi-la a carregar sua cruz com serenidade e paciência, amor e compreensão. E, por que não dizer como os homeopatas clássicos, com relativa liberdade...

Agradeço ao Antônio de Oliveira Lobão, pela concessão desta oportunidade junto ao site do CESAHO, bem como a Edilane Rodrigues e Weber Rios, afins comigo na atração pelo Novo Testamento, e colaboradores na digitação e revisão do *Evangelhoterapia*.